agente nova série #07
Revista de Psicanálise

LOCALIZAR-SE SOBRE A ESTRUTURA

Pierre Skriabine
Seminário Latino de Paris
Maison de l'Amérique Latine, 05/02/2009
Tradução: Luiz Mena

Como falar a vocês das formalizações lógicas e topológicas de Lacan, grafos, matemas, nós..., que se mostram ir além da metáfora e incarnar o real mesmo da estrutura que vale tanto para o sujeito quanto para a experiência analítica?
Começarei por mostrar onde nos conduz uma simples dobra.

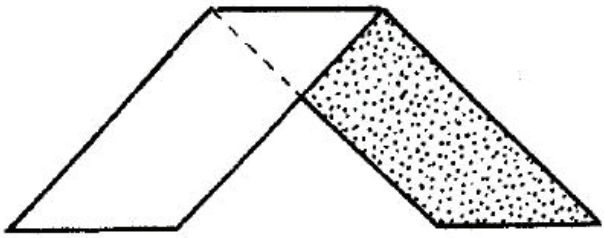
A dobra

Coloquemo-nos na posição de testemunhas, quer dizer – porque é a mesma coisa, como lembrava Lacan – de mártires deste enodamento do sujeito à topologia. Para isso basta, no mímino, duas dimensões: as de uma folha de papel representada numa tela :

Esta folha, vista em perspectiva, nós a podemos imaginar vista por cima (ela está posta sobre o chão), ou então vista por baixo (ela está colada ao teto).
Esta perspectiva equívoca coloca o sujeito diante de uma escolha entre dois modos de conduzir o olhar no espaço – quer dizer, uma escolha entre duas posições possíveis deste sujeito, determinadas pelo objeto olhar.

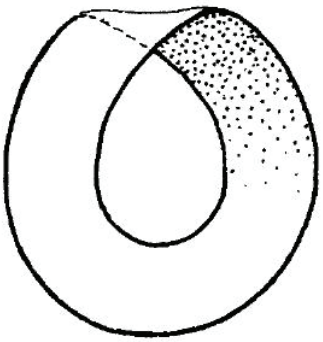
Reconheçamos o fato de estrutura ao quê nos introduz esta figura, a saber o efeito do objeto – aqui o objeto olhar – sobre o sujeito, a fenda do sujeito sobre o objeto olhar.
Dito de outra maneira, é a divisão subjetiva que se encontra aí presentificada pelo objeto olhar.
Estas duas maneiras de ver que se excluem, nós podemos entretanto fazê-las aparecer sincronicamente, dobrando esta folha representada.

Vemos a folha ora de cima, ora de baixo.



A função do sujeito é o que assegura essa coexistência como possível. Nós podemos ver nesta dobra, a dobra mesma da divisão subjetiva que expõe Lacan no Seminário XX, "Mais, ainda": "Para todo ser falante, a causa de seu desejo é estritamente, quanto à estrutura, equivalente, se posso dizer, à sua dobra, quer dizer, ao que chamei sua divisão de sujeito".

Para fazer aparecer a topologia do sujeito, a saber, a estrutura moebiana, basta completar o desenho da dobra:



Vocês reconhecem uma banda de Moebius, Lacan a evocava já em 1953, em "Função e campo da palavra e da linguagem".

É o modo como o sujeito se prende, e se desprende – mas para se encontrar preso de outra maneira do objeto; é pela sua divisão pelo objeto, e pelo que já aparece, quanto a esta divisão, como uma escolha e de um consentimento do sujeito, que se desdobra a estrutura moebiana, a saber, a topologia que dá conta da estrutura do sujeito falante.

Esta topologia procede, nos diz Lacan em "O Aturdito", da falha no universo. (Scilicet 4, p.34)

O buraco

Então, o que é essencial de sublinhar é que a linguagem, o simbólico, ele coloca em jogo de de modo fundamental, intrínseco, essa falha no universo.

Essa falha intrínseca, Freud a desenvolveu sob diferentes aspectos. E primeiramente o recalcamento, o Urverdrängung. Ou também o inanalisável, quer seja sob as espécies do umbigo do sonho ou, mais estruturalmente, da "rocha da castração": existe um ponto em que a linguagem é impotente, onde o simbólico deixa aparecer seu ponto de falha, lá onde a palavra falta, lá onde isso não pode se dizer, do lado do gozo sexual. É ainda a castração ela mesma, perda à qual deve-se consentir em nome da Lei, que não é outra que a lei simbólica.

Lacan sublinhou, demonstrou, desdobrou a dimensão fundamentalmente linguageira, fundada nas conseqüências da tomada do sujeito na linguagem, desses diferentes avatares da falta. Apoiando-se sobre os avanços dos lingüistas e dos lógicos, ele lembrou que do fato mesmo da estrutura puramente diferencial da linguagem – o significante não se define a não ser a partir de sua diferença relativamente aos outros significantes, o que é a base mesma da lingüística –, o referente enquanto tal não pode ser outro que não falho. A linguagem faz fundo, fora a intermediação do significante, toda relação à Coisa, ao objeto e ao gozo, é interdita a quem fala; de onde a definição lacaniana da castração, a saber, que esta perda é correlativa ao fato mesmo de falar. E ademais o sujeito, efeito do significante – não existe sujeito conjecturável, suposto, a não ser para o ser falante – o sujeito então só é representado por um significante para um outro significante, ele está no entre-dois, faltante do significante que lhe daria sua identidade.

Nosso espaço é então estruturado pela falta, a perda, sob suas diferentes formas, mesmo se não queremos nada saber, mesmo se nós não queremos consentir. Nunca mais coalescência com o mundo que ficou fora da linguagem, com a defunta natureza, não mais de coaptação com seu meio, não mais relação sexual que não seja problemática – isso é o privilégio dos animais, ao menos daqueles que não foram contaminados pela linguagem humana. Para os humanos, acabou o mítico paraíso: a maçã de Eva não é outra coisa que a linguagem. Expulso do paraíso, que era esférico, o sujeito falante é infelizmente estrangeiro a si mesmo, em um mundo esburacado.

Confrontado a esse buraco o ser humano se agita, ridículo ou lúcido, sublime ou lastimoso, trágico ou abjeto, feroz ou desesperado. É disso que se trata em uma psicanálise. O campo da psicanálise é a-esférico; a topologia de Lacan desdobra a estrutura, na qual e sobre a qual nós operamos.

Esta falha no universo, Lacan a escreve $\mathcal{A}$

Isso quer dizer simplesmente que o Outro, o Outro absoluto, radical, aquele que sabe, então também o Outro da linguagem e da verdade, aquele que seria a garantia última, dito de outro modo o Pai, ou, se vocês preferirem, Deus, não existe. Deus está morto. Nós nos inventamos um, nós o substituímos por outra coisa, nós precisamos dele, mas ele não existe.

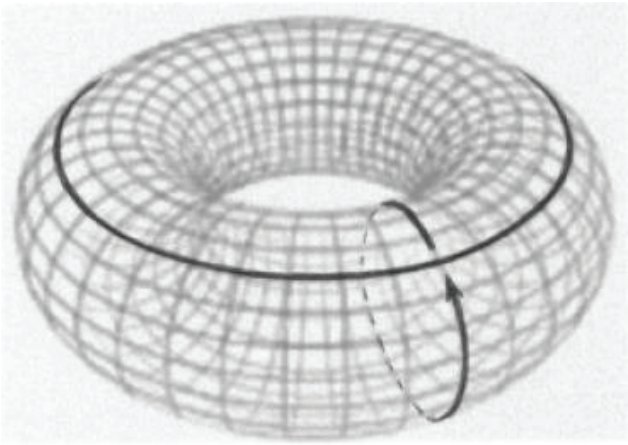
Eis o ponto de coerência fundamental: a topologia de Lacan, a das superfícies, a dos nós, é uma topologia de que se assenta nisto de que o Outro não existe.

Esta função da falha, da falta, do buraco, é estritamente equivalente à linguagem, isso sustenta toda noção mesma de estrutura; uma estrutura, isso nunca é apenas um modo de organização do buraco – quer dizer, uma topologia.

A estrutura

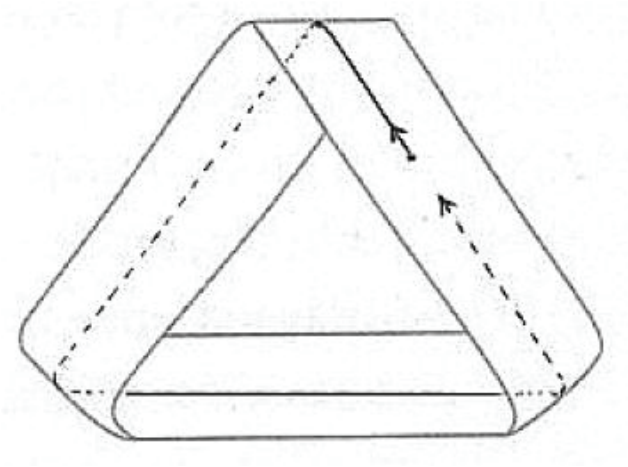
Mas o que quer dizer "a estrutura"? Pois bem, a estrutura é, para simplificar, o modo em quê se encontra topologicamente organizada a atividade psíquica do ser falante, e pela qual está condicionada sua relação ao que lhe cerca. E essa estrutura, ela não se reduz justamente à referência à esfera, como implica o "bom" senso, enganado pelos nossos sentidos: isso parte da imagem do corpo como saco, da evidência do fora e do dentro, da frente e do avesso, da redução tridimensional, e isso dá a ilusão euclidiana, o more geometrico, o visgo do pensamento no modelo aristotélico de esferas encaixadas.

O sentido comum nos impede de ver a estrutura. O sentido comum tem efetivamente horror do buraco. Pois não há apenas a esfera, bem redonda, bem fechada, que não deixa espaço para a falta. Existem superfícies onde traçar um círculo não delimita forçosamente um interior e um exterior: um toro, por exemplo, todo mundo conhece isso, é uma câmara de ar bem inflada:



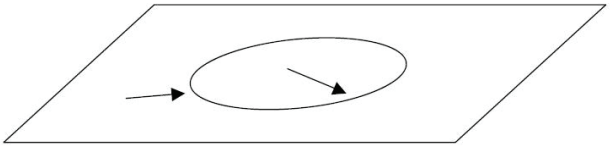
Trace um círculo em torno da morcela mesmo , ou em torno do buraco central. Escândalo! Interior e exterior estão em continuidade! Ou pior, nós não conseguimos mais defini-los. Partimos de um lado do círculo e encontramo-nos do outro, sem o ter atravessado.

E a fita de Möbius então? - para ficarmos nessas superfícies bem simples que podemos tranquilamente manipular.



Partindo de um ponto da superfície, aqui estamos, ao final de uma volta em torno do buraco central, ao avesso do ponto de partida, e será preciso uma segunda volta pelo buraco para voltarmos à posição inicial: a fita de Möbius procede de uma topologia da dupla volta no buraco.

Eis aqui realidades locais, bem fortes, bem evidentes, bem tangíveis, mas puramente ilusórias: dois pontos de cada lado da borda de um círculo – mas passamos de um ponto ao outro sem atravessar essa borda; ums frente e um avesso da superfície localmente constatáveis – entretanto elas estão em continuidade, passamos de um ao outro sem atravessar a superfície.



Tentem um pouco fazer isso com uma esfera: não há chance de conseguirmos.

E se tratamos o toro ou a fita de Möbius como esferas, não há chance de não se enganar. Como também não há a menor chance de nos orientarmos, nem que seja um pouco, na psicanálise, se não ouvirmos o que nos trouxe Lacan com sua topologia, dito de outro modo, com a colocação em função estruturante de uma falta, de um buraco, em suma, da falha no universo.

O impasse dos psicanalistas que não puderam ou quiseram ver a contribuição essencial de Lacan é assegurado. Eles não têm nenhum meio de se dar conta em razão da experiência, e só podem se afundar em vãs circunvoluções da linguagem.

A topologia, aliás bem elementar cujo uso nos foi transmitido por Lacan, é, quanto a ela, límpida: elaboração emprestada da ciência, ela permite delimitar e interrogar a estrutura que vale para o ser falante, e que é uma estrutura a-esférica simples, uma estrutura esburacada.

Mas nos atermos a isso seria somente uma meia-medida. Lacan nos convida a dar um passo a mais. Um passo radical. A topologia não é apenas um modelo, uma exceção concedida ao nosso enviscamento ao imaginário esférico. “A topologia, nota Lacan em “O Aturdito”, não é feita para nos guiar na estrutura, ela o é”.

Dito de outro modo, a psicanálise deve submeter-se a pensar “a-esfericamente”. É uma exigência ética, que é um arrancamento, uma ascese de todos os instantes, mas é a esse preço que ele terá uma chance de colar à estrutura. É o que mostra a topologia do nó borromeano.

O nó borromeano é um esforço para pensar a estrutura fora de uma referência ao Outro, a partir de três registros da experiência analítica: o real, o simbólico e o imaginário. Esse buraco é, pois, antes de tudo, essa falha no universo que se sustenta à linguagem, e a nada mais.

Real, Simbólico, Imaginário

Nestas condições, eu gostaria de lembrar rapidamente aqui os três registros que, ao longo da elaboração de seu ensino, serviram a Lacan como referências para dar conta da experiência humana, aquela dos seres falantes.

Primeiramente o imaginário, que se refere não à imaginação, mas à imagem, à Gestalt, e que se aproxima no fundo de uma noção bem conhecida em etologia. Para o animal, é pela imagem, na captura imaginária pela forma, que se produz e se regula a adaptação do Innenwelt à Umwelt; essa função central da Gestalt foi muito amplamente estudada pela etologia moderna, e a psicologia a apreendeu para aplicá-la de uma maneira frequentemente muito redutora ao ser humano.

A dimensão do imaginário está presente no

"estádio do espelho" de Lacan que coloca em valor, na assunção jubilatória de sua imagem no espelho pela criança em torno da idade de 18 meses, esse momento no qual ele antecipa o domínio de seu corpo por sua captura pela completude desta imagem à qual ela se identifica como sendo aquela de um outro: é o fundamento da constituição do Eu (moi) na alienação imaginária. Mas Lacan sublinha que um outro registro já está aí presente, notando o papel do terceiro – pai/mãe, adulto – em torno do qual a criança mendiga no olhar a confirmação deste reconhecimento na imagem; esta função capital do terceiro, é ao que se enoda o simbólico.

O simbólico é o registro da linguagem, e isso se dá simplesmente por isto, que os seres humanos falam e que é justamente isso que lhes diferencia dos outros seres vivos; toda relação interhumana, social, se joga e se regula pela linguagem, lá onde a Gestalt é suficiente a reger as sociedades animais as mais complexas.

Para o ser humano, a identificação imaginária, quer dizer, o fato de que um Eu (moi) seja inteiramente suspenso à unidade de um outro Eu (moi), leva a uma incompatibilidade radical sobre o plano do desejo, a uma rivalidade mortal: o objeto desejado, é ele ou eu (moi) que o terá. A linguagem que parasita o homem implica, com efeito, uma dimensão que se prende à desarmonia que ela introduz: não há mais coaptação possível entre o ser e seu ambiente, mas ao contrário um hiato, uma falta. Não se trata mais de instinto ou de necessidade, mas da demanda e do desejo. E a mediação, a troca entre os sujeitos desejantes que são os correlatos, sua coexistência mesma, não pode ser encontrada a não ser a partir deste sistema simbólico onde o sujeito se conta como Eu (je) e se estrutura como efeito do significante; ele procede da ordem significante, enquanto que o Eu (moi) se produz de uma identificação imaginária.

O simbólico, como mediador das relações humanas, se apresenta como o campo onde se desenvolve o sentido e se veicula a comunicação. Mas é também uma matéria, vocal, sonora, escrita, e uma estrutura, que podem funcionar fora do sentido: é o próprio das linguagens matemáticas e do discurso da ciência.

Vemos aí como, por operações linguageiras vazias de sentido, pode se desvelar, se extrair, se elaborar um saber capaz de mudar o real: por exemplo, a invenção deste sem sentido que é o número dito imaginário, i, raiz quadrada de -1, está, entre outros fatos simbólicos de mesma ordem, na origem dos desenvolvimentos da física moderna, da revolução tecnológica, ou simplesmente do fato que os seres humanos tenham podido ir à lua: é um saber extraído do real, e que muda o real.

O real, é justamente o que escapa ao imaginário – então, que não pode se representar, que não tem imagem especular –, e o que não se substitui ao simbólico, por conseguinte, que não se pode dizer; é o impossível a imaginar e a dizer, é lá onde tropeçamos, é o que não se sabe, é o mistério do mundo, o inalcançável do sexo. É tanto o que insiste no sofrimento do sintoma, quanto na angústia.

Eis então, nesses três registros do imaginário, do simbólico e do real, o espaço onde se estrutura a experiência humana. É, se quiserem, o que corresponde ao ternário do animal, do humano e do divino; ou então: os automatismos de comportamento, a dialética e o gozo sexual; ou ainda o corpo, o espírito, a morte.

Fazer segurar juntos R, S, I

Doze curtas considerações para guardar na memória:

1) O Outro não existindo, a experiência humana se estrutura em referência a três categorias, que são aquelas da experiência analítica, desenvolvidas por Jacques Lacan sob os nomes de Real, Simbólico e Imaginário.

2) Esses três registros são fundamentalmente heterogêneos e não têm nada em comum.

3) Para sustentar-se na "realidade humana", a dos discursos, para fazê-la consistir nessas três dimensões, para criar e manter um laço social com seus congêneros, o sujeito precisa segurar juntos esses três registros, ele deve encontrar neles uma medida comum.

4) Fazer consistir assim uma "realidade" que não tem nenhuma existência intrínseca, pois ela não é mais que um véu tecido de imaginário e de simbólico que serve a recobrir o real, é no entanto necessário ao ser falante e ao sujeito que aí se produz, para se proteger deste real que se esconde no significante e na imagem, e que é como tal insuportável.

5) Esta proteção, que permite que um discurso se desenvolva e faça laço, implica uma contrapartida, que é a limitação do gozo, sem isso sem limite, da Coisa primordial, dito de outro modo da mãe. Essa limitação procede da colocação em função do pai: interposição, interdição do incesto, colocação da lei simbólica são o fato dessa função.

6) O papel da metáfora paterna, substituição do Nome do Pai ao Desejo da Mãe, é assim de permitir um acesso aos discursos, através de uma perda de gozo. Não se trata aí, em termos lacanianos, de nada além daquilo que se opera na castração em termos freudianos.

7) O Nome do Pai realiza assim, enquanto Bejahung (dizer-que-sim) da realidade da castração, o acesso do ser falante ao universo do discurso e à proteção contra o Real que permite a instauração do laço social.

8) Em outros termos, a função do Nome do Pai é de fazer segurarem juntos, para cada sujeito, um por um, Real, Simbólico e Imaginário, e de permiti-lo fazer consistir uma realidade sem existência mas onde pode contudo se desenvolver o laço social no campo dos discursos.

9) O Outro é faltoso, assim como o sujeito. Não há Outro que seja ao mesmo tempo completo e consistente. Isso se articula à estrutura mesma do significante, que é diferencial, excluindo desse feito a referência absoluta.

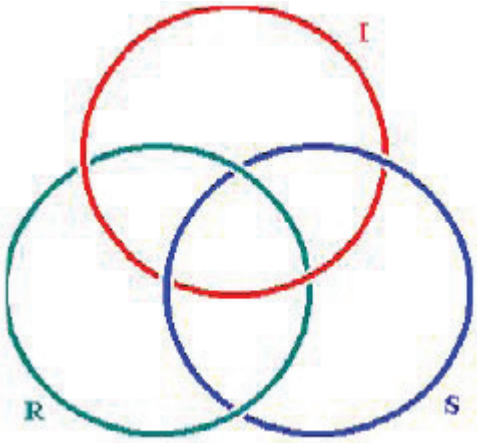
10) O Outro não existindo, não existe garantia última: o significante que garantiria o Outro falta ao Outro. Deus não saberia garantir o Pai. Não existe Nome do Pai a menos que cada sujeito o coloque no lugar. Dito de outro modo, não temos outra escolha que não a de se passar (do Nome do Pai como garantia que não existe) à condição de se servir dele (de colocar no lugar sua função).

11) Conclusão: Há, estruturalmente, forclusão do Nome do Pai no sentido de uma medida comum "inata", "normalidade" mítica, que faria segurar o Real, o Simbólico e o Imaginário juntos pela graça de um enodamento borromeano reunido. Em suma, a forclusão é a regra: "Todos débeis", a debilidade é generalizada. O que nos

leva a uma clínica universal do delírio. Isso quer dizer que a psicose é nosso estatuto ordinário, nosso estatuto "original", se posso dizer. É menos tranqüilizador que o mito freudiano do Édipo.

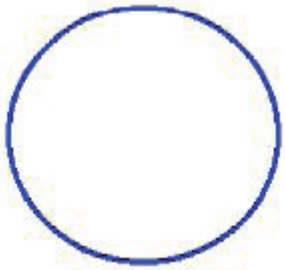
12) Conseqüência: cada sujeito, um por um, não tem outra escolha a não ser inventar sua própria solução para compensar essa falta estrutural e construir enquanto suplência uma maneira de fazer segurar Real, Simbólico e Imaginário. Mas alguns não conseguem de verdade, é o que se passa no caso da psicose ordinária, e para outros esta bricolagem não segura bem.

O nó

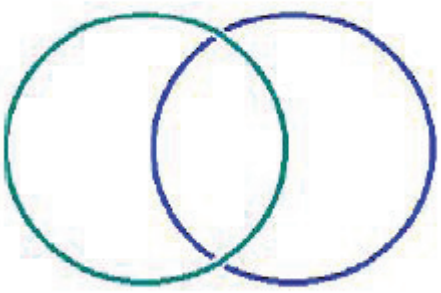


Com o nó borromeano, Lacan nos introduz a uma topologia apurada, referida às três únicas categorias da experiência analítica, R, S e I. Essa topologia não é menos homogênea dos seus desenvolvimentos precedentes.

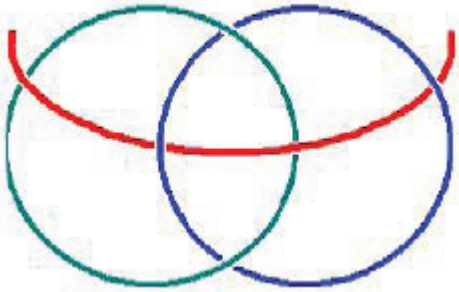
O nó bo, isso não é feitiçaria.



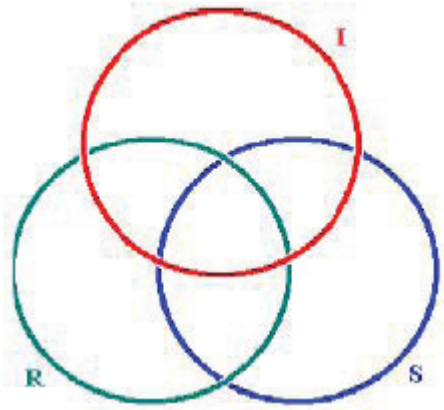
Peguem um círculo de corda.



Coloquem por cima um segundo círculo, aqui o verde.



Deslizem uma terceira corda, uma malha pela frente, uma malha pelo avesso – passem por cima do círculo que está em cima, e por baixo do círculo que está por baixo.



Fechem novamente, e aí está!

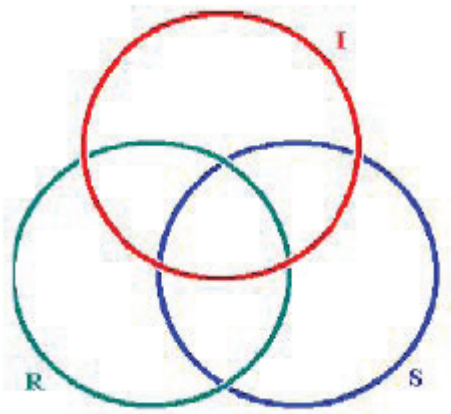
Dois a dois, os círculos estão livres, mas a três estão amarrados. Dois quaisquer estão amarrados pelo terceiro. E neste enodamento, cada um

tem exatamente o mesmo papel. Isso é o que seria necessário para o sujeito: que para ele, R, S e I fiquem juntos, sem se misturar.

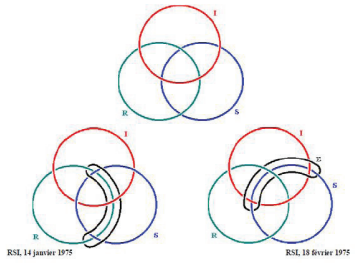
A topologia do nó borromeano

Então, como vimos, para se sustentar na "realidade humana", aquela dos discursos e do laço social, o sujeito precisa, no mínico, fazer com que esses três registros R, S e I fiquem juntos.

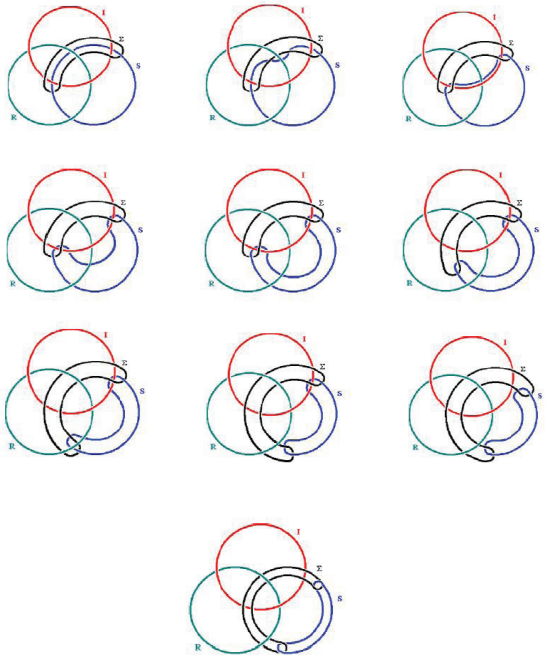
Mas estes três registros são fundamentalmente heterogêneos e não têm nada em comum. O fato de falar não é suficiente para que isso se sustente. A linguagem é uma ferramenta ruim. O Outro não existe, senão ser barrado, Deus está morto, o Pai é essencialmente faltoso. Nós reencontramos nossa falha no universo.



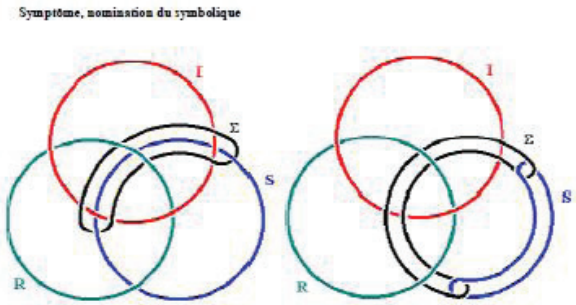
Eis aqui o resultado. R, S e I são disjuntos. Todos débeis, dirá Lacan. Para que isso fique amarrado, é necessário que o sujeito encontre algo a mais; pode ser do ready made, a "realidade psíquica" ou o Édipo, dirá Freud, um Nome do Pai, dirá Lacan, mas pode ser qualquer bricolagem inventada pelo sujeito. Lacan dá exemplos desse quarto círculo.



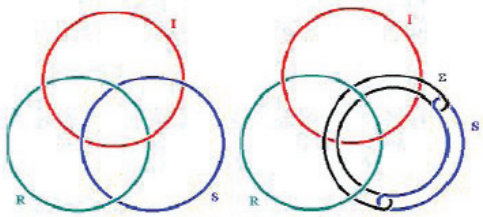
De entrada, isso pode parecer confuso, esse quarto círculo e sua função. Na verdade é muito simples. Tomemos o caso do sintoma (RSI, 18 de fevereiro 1975).



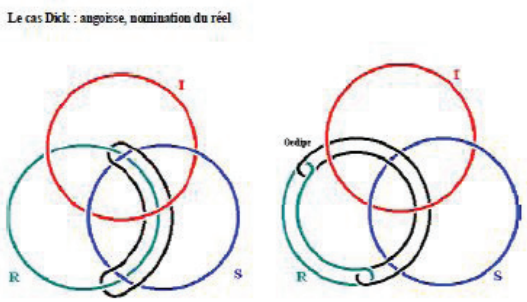
Vocês reconheceram o nó borromeano.



A figura confusa do início não é nada mais que um nó bo, onde o quarto, o sintoma, consertou a falha de S a operar o enodamento.

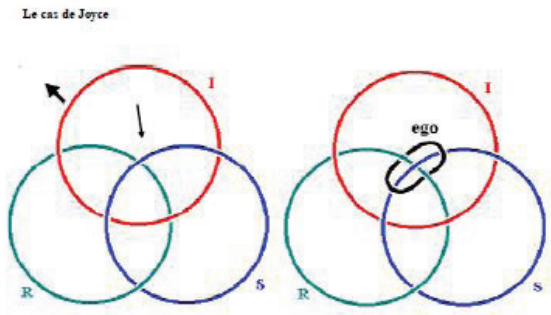


No lugar de S, temos um duplo S + ∑. Eis em que o sintoma é um nome-do-pai. O sintoma como nomeação do simbólico, diz Lacan. Os nomes-do-pai, Lacan nos dá outros: a angústia como nomeação do real, a inibição como nomeação do imaginário.

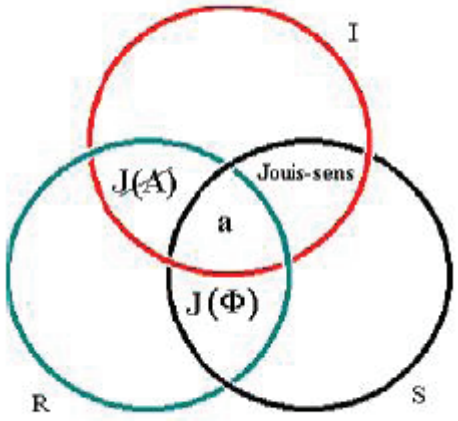


A angústia como nomeação do real, Lacan a antecipa desde seu Seminário 1, com seu comentário do caso Dick de Melanie Klein e da nomeação pelo Édipo do real indiferenciado onde encontrava-se essa criança, permitindo a ela assim de assumir a angústia inerente ao processo de entrada no simbólico, ao qual ela se recusava.

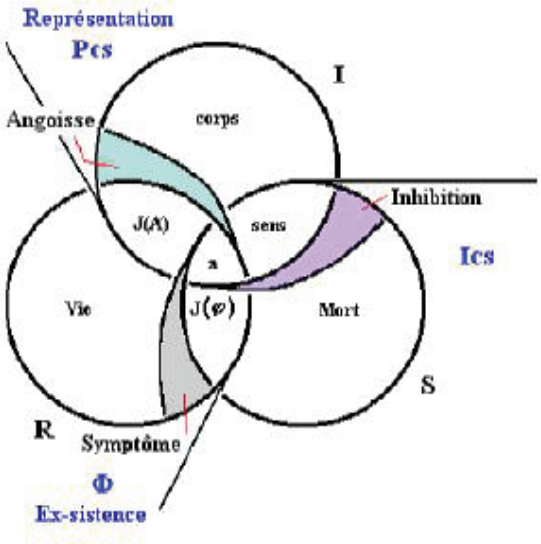
Mas passemos às bricolagens que fazem segurar. Lacan, em seu seminário O Sinthoma, desdobra o caso de Joyce.



O imaginário não se sustenta, testemunha disso é o episódio da surra. A obra de Joyce, sua escritura indecifrável onde é condensado, cifrado seu gozo, serve a ele para reparar esta falha do enodamento. Essa emenda é seu sinthoma que Lacan nomeia aqui seu ego. Da falha original, cujo outro traço é o enlaçamento de S e de I, testemunham ainda as epifanias de sua obra.



Apenas um incidente rápido para indicar que Lacan se serve também do nó bo, não do ponto de vista topológico, mas lógico, a partir de suas representações colocadas em ordem; como esquema, portanto, para articular os gozos (o sentido gozo, o gozo fálico, o gozo a sexuado, o mítico gozo do Outro, gozo proibido para quem fala, ao qual se refere o gozo sexual, gozo feminino e gozo psicótico.

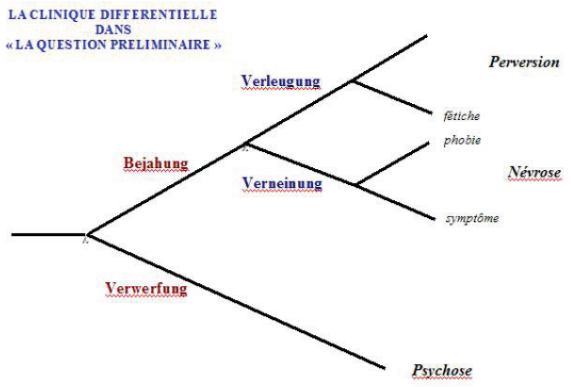


E para além, Lacan nos permite de encontrar a articulação com os conceitos freudianos.

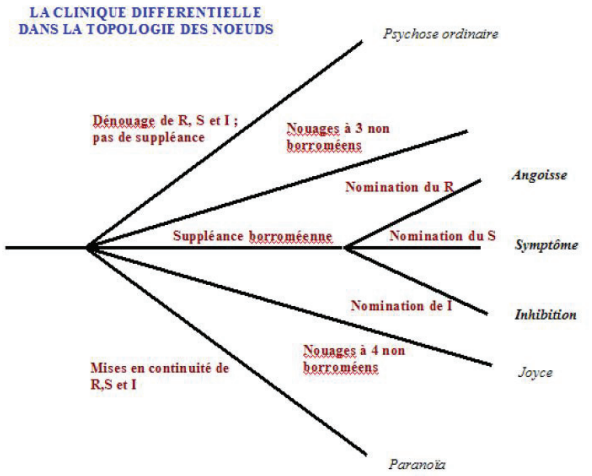
Para concluir

Trata-se somente de visão de conjunto. Mas isso nos dá uma idéia do pder operacional e conceitual desta topologia que abre uma nova clínica diferencial a partir desta simples questão: como cada sujeito se vira para manter juntos R, S e I?

A primeira clínica diferencial de Lacan é aquela dos "Complexos Familiares". Seu segundo grande desenvolvimento é este da "Questão Preliminar".



O último ensinamento de Lacan é uma clínica diferencial que engloba e abre a precedente ao infinito das invenções dos sujeitos para manter juntos, tão bem quanto mal, R, S e I.



Eis aqui uma estruturação sumária, seguindo as indicações que nos deixou Lacan. Essa clínica procede do nó borromeano e do saber clínico que Lacan soube ver que ele era, por sua própria estrutura, o portador e transmissor. A topologia de Lacan, a do nó bo, assim como as estruturas lógicas que foram sua referência anterior, aderem à clínica. Todas procedem de A barrado. Todos os acontecimentos clínicos e todos os conceitos encontram aí seu lugar.

Esta topologia é a estrutura mesma da experiência analítica e da clínica.

Esta será minha conclusão de hoje.